



Discurso de abertura do CPC 2020

Exm^o Senhor Presidente da República, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Ex.^a Senhora Secretária Geral da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Prof^a Doutora Ana Teresa Timóteo

Ex.^a Senhora Presidente do Congresso Português de Cardiologia, Dr^a Brenda Moura

Ilustres Membros da Direção da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, da Comissão Organizadora do Congresso

Dear representatives of international Scientific Societies with a special salut to Prof Fausto Pinto, president-elect of the world heart federation, Professor Dan Atar on behalf of the European Society of Cardiology, Professor Marcelo Queiroga President of the Brazilian Society of Cardiology and Dr^a Vanda Azevedo on behalf of the African Portuguese-speaking countries.

Caros congressistas,

Iniciámos o nosso mandato no ano em que a SPC comemorava o seu 70^o aniversário. O serviço prestado à comunidade ao longo desses anos, pela promoção e divulgação da ciência e das melhores práticas médicas, pela formação contínua dos profissionais e pelo trabalho desenvolvido para elevar a literacia publica na temática cardiovascular, foi reconhecido por S. Ex^a o PR pela atribuição da distinção de Membro Honorário da Ordem de Instrução pública o que nos honrou sobremaneira e elevou ainda mais o nosso sentido de responsabilidade e compromisso em servir.

Lançámos diversos programas, de que destaco o da Qualidade Clínica em Cardiologia, o da Doença Cardiovascular na Mulher , o da Capilaridade Académica, mantivemos e intensificámos os cursos e seminários promovidos pela Academia Cardiovascular e pelos Grupos de Estudo da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, endossámos documentos de tomada de posição originados em estruturas da SPC e temos acompanhado empenhadamente a ação das nossas associações especializadas, na área da Cardiologia de Intervenção – APIC - e da arritmologia – APAPE . Assinámos um protocolo de afiliação da Fundação Portuguesa de Cardiologia à SPC com quem temos mantido ações conjuntas entre as quais a celebração do Dia Mundial do Coração, em 2019 sob o tema “Coração de Esperança”, transmitindo otimismo e esperança aos já portadores de doença cardiovascular, e em 2020 propondo uma “Boa Onda Cardiovascular” pela adoção de estilos de vida saudáveis, onde os principais promotores das mensagens foram os próprios destinatários e neste casos jovens desportistas. Realizámos fóruns sobre a Revista Portuguesa de Cardiologia e sustentabilidade e modelos de financiamento das sociedades científicas.

Entretanto, como disse Camões avistando o Adamastor - “Como uma nuvem que os ares escurece, sobre as nossas cabeças aparece”, surgiu o novo coronavírus SARS Cov-2 cuja difusão rapidamente assumiu uma dimensão pandémica e que tem hoje um peso esmagador na nossa sociedade e no nosso sistema de saúde. Durante a pandemia, temos vindo a coordenar diversos programas de educação da população com doença cardiovascular, divulgando os riscos associados e modelos de proteção, esclarecendo sobre terapêuticas que motivaram dúvidas e debates públicos, divulgando documentos orientadores para procedimentos diagnósticos ou terapêuticos, incentivando os doentes agudos a não retardar os pedidos de ajuda e os crónicos a manterem contacto profissional com a equipa cardiovascular e não interromperem a medicação. Temos ainda organizado e participado em inúmeros *webinars* com diversas organizações nacionais e internacionais de debate e formação médica, mas também de esclarecimento e educação da população, frequentemente em parceria com organizações de doentes como a AADIC.

Estamos, naturalmente, muito preocupados com um conjunto de indicadores. Verifica-se um excesso de óbitos independente da COVID desde o início da pandemia. Há poucos dias o relatório do INE revela um excesso de mortalidade no período de 2 de Março a 18 de Outubro em comparação com o período homólogo dos últimos cinco anos de mais 7936 óbitos, dos quais mais de 2/3 foram mortes não COVID. Números semelhantes são divulgados pela Direção Geral da Saúde. Registamos também um grande aumento dos óbitos que ocorreram em contexto não hospitalar, o que poderia explicar em parte a diminuição média de 24% nas intervenções coronárias percutâneas em fase aguda de enfarte com elevação do segmento ST (dados permanentemente atualizados no registo de intervenção coronária da APIC). Os dados parecem confirmar o nosso receio inicial de que, eventualmente por resguardo do risco de contrair infeção, o pedido de socorro seja diferido irremediavelmente. E isto apesar do enorme esforço em manter abertas as vias verdes, com grande empenhamento do INEM e manutenção permanente da atividade de todas as equipas de cardiologia de intervenção no território nacional. Preocupa-nos ainda a situação dos doentes crónicos, em especial os com insuficiência cardíaca, pela sua fragilidade e vulnerabilidade para descompensação sem um acompanhamento adequado, na ausência de um programa nacional estruturado de seguimento destes doentes. E preocupa-nos sobremaneira a situação insustentável dos doentes em lista de espera para cirurgia cardíaca (com números exatos não conhecidos nem sequer no meio médico) ou intervenção percutânea de situações muitas vezes curáveis como a estenose aórtica sem que se vislumbrem planos de ação para dar resposta adequada aos doentes. Nestas e noutras situações, a SPC tem uma voz independente, inspirada pela ciência, focada no seu objetivo estatutário que é o de melhorar a saúde cardiovascular dos portugueses, que nos parece merecer ser ouvida.

Em plena pandemia estamos a lançar programas estruturantes, como a evolução do CNCDC para um centro de investigação a designar por Centro Nacional de Conhecimento e Desenvolvimento em Cardiologia, a integração no muito importante programa EuroHEART da European Society of Cardiology e o grande estudo PORTHOS que nos permitirá re-caracterizar a insuficiência cardíaca em Portugal.

Neste ponto, evoco de novo o Poeta no canto V dos Lusíada: “Daqui fomos cortando muitos dias, entre tormentas tristes e bonanças, no largo mar fazendo novas vias, só conduzidos de árduas esperanças. Com mar um tempo andámos em porfias, que, como tudo nele são mudanças, corrente nele achámos tão possante, que passar não deixava por diante.”

Não no assusta o poder da corrente de mar adverso, certos de que no mar largo faremos novas vias, conduzidos por mais que de apenas árduas esperanças.

A realização deste grande congresso, que gostaríamos fosse não só o grande encontro científico, mas também o convívio e a festa da cardiologia portuguesa, é a demonstração da resiliência e da capacidade de encontrar rumos em condições adversas. Na pessoa da inquebrantável Presidente do Congresso, Dr^a Brenda Moura e sua Comissão Organizadora, saúdo com muito afeto a capacidade para pôr de pé um programa científico de muito alto nível e um formato muito atrativo, vencendo os obstáculos sucessivos, ultrapassando o que parecia inultrapassável, com a tenacidade e a força a que o Norte e em especial as suas mulheres nos habituaram e encontrando nas dificuldades oportunidades novas.

Exm^o Senhor Presidente da República, a sua participação na abertura deste Congresso, nas circunstâncias difíceis que o país atravessa, é, creia, um enorme estímulo para nós. O seu exemplo diário de nos fazer sentir a todos mais habitantes da casa comum que se chama Portugal inspira-nos e suscita a retribuição do afeto que nos demonstra. Bem-haja por estar connosco, nos ouvir e testemunhar as nossas preocupações e anseios.

Desejo a todos um bom congresso.

Prof. Victor Machado Gil

Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia
